

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Márcio Antônio Rodrigues

O TRÂNSITO DOS OBJETOS MÁGICO-RELIGIOSOS:
uma etnografia sobre o consumo afro-religioso em Belo Horizonte/MG

Márcio Antônio Rodrigues

**O TRÂNSITO DOS OBJETOS MÁGICO-RELIGIOSOS:
uma etnografia sobre o consumo afro-religioso em Belo Horizonte/MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Candice Vidal e Souza

Belo Horizonte
2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

R696t Rodrigues, Márcio Antônio
O trânsito dos objetos mágico-religiosos: uma etnografia sobre o consumo afro-religioso em Belo Horizonte/MG / Márcio Antônio Rodrigues. Belo Horizonte, 2015.
137f. :il.

Orientador: Candice Vidal e Souza
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

1. Etnologia - Belo Horizonte (MG). 2. Candomblé – Belo Horizonte (MG). 3. Umbanda. 4. Consumo (economia). 5. Consumidores – Aspectos religiosos. 6. Religião e sociedade. I. Souza, Candice Vidal e. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 2:301

Revisão ortográfica e Normalização Padrão PUC Minas de responsabilidade do autor

Márcio Antônio Rodrigues

**O TRÂNSITO DOS OBJETOS MÁGICO-RELIGIOSOS:
uma etnografia sobre o consumo afro-religioso em Belo Horizonte/MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Profª Drª Candice Vidal e Souza (Orientadora) - PUC Minas

Profª Drª Renata de Castro Menezes - Museu Nacional / UFRJ

Profª Drª Juliana Gonzaga Jayme - PUC Minas

Belo Horizonte, 23 de fevereiro de 2015.

À minha amada, companheira, amiga e esposa,
Carol. Sou e estou muito feliz ao seu lado!
A todos que de forma direta ou indiretamente foram
parceiros na caminhada.

AGRADECIMENTOS

À amiga, companheira, confidente e esposa Ana Carolina Piñeiros Caldeira, simplesmente, Carol. Pois sempre esteve e está comigo em vários contextos de lutas e também de descontração. Por ter digitados meus textos manuscritos. Por estar sempre disponível. Obrigado pelo incentivo, apoio (em todos os sentidos) e por acreditar ser possível fazer uma dissertação contra todos os contratemplos vivenciados.

Um admirável e particular agradecimento à Prof.^a Dr.^a Candice Vidal e Souza, minha orientadora. Um ser humano fantástico em muitos sentidos. Pessoa que admiro e respeito muito como professora, antropóloga, orientadora e pesquisadora. Nestes dois anos, compreendidos entre a minha inserção no mestrado em ciências sociais da PUC Minas e agora momento em que me ponho a agradecê-la, você foi muito importante em minha formação e como amiga. Obrigado pela orientação séria, comprometida, construtiva, competente e generosa, por compreender e apoiar um orientando “sem bolsa”. Nada contra os que a tinham. Serei sempre muito grato por tudo que fez por mim e também pela antropologia que me mostrou, nas proveitosas e impagáveis aulas do curso de mestrado. Acima de tudo, me levou a perceber a antropologia como um caminho que quero seguir.

Aos docentes do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC Minas, obrigado pelas aulas esclarecedoras, por compartilharem comigo e o restante da turma, seus conhecimentos nas Ciências Sociais.

À Prof.^a Dr.^a Juliana Gonzaga Jayme pelos comentários feitos em minha Banca de Qualificação, algo que acabou por descortinar “pontos obscuros” e não percebidos em meu trabalho.

À professora e antropóloga, Renata de Castro Menezes, do Museu Nacional/ UFRJ, por ter aceitado o convite para minha Banca de Defesa, e quem tive o prazer de conhecer pessoalmente na 29^a RBA – Reunião Brasileira de Antropologia em Natal/RN em agosto de 2014, quando na ocasião apresentava “um esboço” deste trabalho. Naquela oportunidade, inclusive, fez considerações que, posteriormente, foram incorporadas aqui. Na Banca de Defesa ofereceu-me considerações importantes. Obrigado!

À eficiente secretária do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC Minas, Ângela, que a todos sempre atendeu e atende prontamente e também ao Guilherme, obrigado.

Aos colegas de turma do mestrado, e em especial à Marcelo Braga, Cristiane e Gilberto (amigo dos tempos de graduação em História na PUC), infelizmente Gil saiu no 2º semestre. Importantes com suas sugestões em nossas muitas conversas, de sala ou fora dela, e na apresentação do projeto de pesquisa somaram também.

Aos meus interlocutores dos estabelecimentos especializados em artigos destinados a práticas rituais religiosas no candomblé e/ou umbanda (o que por questão metodológica optei pela denominação de “casas/lojas de artigos afro-religiosos”). Como prometido em campo, e a fim de manter sua integridade, não os nomearei aqui. Contudo, ao longo do texto aparecem, mas com pseudônimos.

Agradeço a Mãe Ana pela sua generosidade, por oferecer companhia e seus conhecimentos de umbanda e candomblé no processo de produção deste trabalho.

Ao INEL – Instituto Educacional Logus – pela “ajuda” em todos os sentidos. Em especial ao professor/diretor do INEL André Luiz Lockmann pelos “ajustes” feitos em minha carga horária de trabalho possibilitando assim outro fôlego na reta final dessa dissertação.

À bibliotecária da PUC Minas a Sr^a. Jane pelo exemplar atendimento destinado a mim nesta pesquisa. Sempre foi muito atenta aos meus “pedidos bibliográficos” e com carinho em seu tratamento a minha pessoa.

Ao Geógrafo Thiago Leonardo Soares, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial da PUC Minas, pela colaboração e auxílio na elaboração dos mapas utilizados neste trabalho.

As relações sociais são mediadas por objetos; os objetos não são pura matéria, mas são, ao contrário, carregados de significados socialmente construídos; e vão adiante (LIMA, 2010, p.11).

Uma viagem ao mundo afro-brasileiro começa no mercado. Nas Sete Portas, no Mercado Modelo ou na Feira de Água de Menino, pois a Bahia é, como gostava de dizer mãe Aninha uma “Roma africana”. Mais pode começar também no Mercado de Madureira, subúrbio carioca da Central, ou em qualquer um de seus congêneres, no Recife, em São Luiz ou em Belém do Pará. Em todos eles se destaca, de imediato, a enorme concentração de negócios voltados para o atendimento da demanda dos cultos afro-brasileiros-candomblés, xangôs, tambores de mina, batuques e parás, catimbós, macumbas e babaçuês, ou como se chamem as diversas variantes dessa religião em seus respectivos contextos regionais (VOGEL et al., 2005, p.5).

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma investigação em perspectiva etnográfica sobre o *consumo afro-religioso* na cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais) entre abril de 2013 e o primeiro semestre de 2014. Acompanhou o “*trânsito dos objetos mágico-religiosos*” em dois estabelecimentos comerciais (Casa da Umbanda e Casa Sete Estrelas), em compras feitas por uma mãe de santo, em distribuidores e terreiros. Objetos que são utilizados em religiões de matriz africana no Brasil, como o candomblé e a umbanda, e podem ser adquiridos, em variadas cores, formatos e tamanhos, em lojas especializadas na capital mineira. Nesse acompanhamento observou e etnografou as interações e as relações de agência nas práticas de *consumo afro-religioso*. O cotidiano das casas/lojas de comércio de artigos afro-religiosos, a prática de consumo de uma mãe santo e outros três membros de terreiros, e também a visita a uma distribuidora constituem o seu material empírico (capítulos 3 e 4). Anotações feitas em campo, juntamente com a literatura específica, entrelaçam-se no texto dissertativo. Por opção metodológica este trabalho se dividiu em três partes: considerações sobre candomblé e umbanda e o *consumo afro-religioso* belo-horizontino, a transitividade dos objetos mágico-religiosos à luz de uma etnografia e, de dentro do consumo, a questão da “demanda”, seja ela de deuses ou homens.

Palavras-chave: etnografia, candomblé e umbanda, consumo afro-religioso, objetos mágico-religiosos.

ABSTRACT

This work is the result of an investigation in ethnographic perspective on african-religious use in the city of Belo Horizonte (Minas Gerais) between April 2013 and the first half of 2014. He accompanied the "transit of magic-religious objects" in two shops (House of Umbanda and House Seven Stars), on purchases made by a saint's mother in distributors and terraces. Objects that are used in religions of African origin in Brazil, like Candomblé and Umbanda, and can be purchased in various colors, shapes and sizes, in specialty stores in Belo Horizonte. In this follow-up observed and ethnography interactions and agency relationships in african-religious consumption practices. The daily house / trades stores african-religious items, consumer practice of holy mother and three other members of yards, and also a visit to a distributor constitute the empirical material (chapters 3 and 4). Notes taken in the field, along with the specific literature, intertwine in the argumentative text. For methodological choice this work was divided into three parts: considerations about Candomblé and Umbanda and the african-religious use fine-horizontino, transitivity of magic-religious objects in the light of an ethnography, and in consumption, the issue of "demand", be it gods or men.

Keywords: ethnography, Candomblé and Umbanda, african-religious use, magic-religious objects.